

Mídia Negra e Antirracista: o que temos de jornalismo alternativo especializado no Nordeste?¹

Nayara Nascimento de SOUSA²

Mestranda

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Resumo

O trabalho trata do mapeamento de iniciativas de jornalismo alternativo e especializado na temática racial no Nordeste. A partir do Mapa do Jornalismo Independente, do Mapeamento da Mídia Negra no Brasil e buscas em perfis de redes sociais, identificamos quatro portais digitais que se enquadram como mídia negra nordestina, sendo: Correio Nagô (BA), Revista Afirmativa (BA), Ceará Criolo (CE) e Site Negrê (CE). Analisamos as seções de apresentação de cada veículo e as editoriais para delinear os perfis. Como resultado, observamos o protagonismo das mulheres como fundadoras e/ou co-fundadoras dos sites e percebemos que o descontentamento com a invisibilidade negra é a principal motivação para a criação dos veículos. Ressaltamos a necessidade da atuação da Imprensa Negra nos demais estados nordestinos, visto que apenas a Bahia e o Ceará aparecem no mapeamento.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Mídia Negra; Jornalismo Alternativo; Nordeste; Mapeamento.

Introdução

O debate racial no Brasil não é novidade, mas nos últimos anos as pautas que permeiam as questões sobre racismo, antirracismo e valorização negra se tornaram centrais. No âmbito do jornalismo, há uma crescente e urgente reivindicação pela atuação de negros e negras tanto profissionalmente nas empresas midiáticas, quanto entre as fontes e nos temas do conteúdo veiculado.

Se por um lado a mídia hegemônica oferece pouco espaço para a população negra, e geralmente apresenta um enquadramento estereotipado, a mídia alternativa e independente tem como proposta visibilizar negros e negras, buscando a valorização racial com um olhar antirracista.

Para Carvalho (2009, p. 66) “a Imprensa Negra compreende o conjunto de jornais criados e mantidos por pessoas negras, direcionados ao público negro para o atendimento de

¹ Trabalho apresentado no GT – História da Mídia Alternativa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz (PPGCOM/UFMA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (Cops). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema). Email: nayara.nns@hotmail.com

expectativas específicas em defesa de seus interesses”. Assim, os veículos especializados buscam produzir conteúdo que resgata a valorização racial.

Desse modo, este trabalho pretende realizar o mapeamento de iniciativas de jornalismo alternativo e especializado na temática racial no Nordeste. O recorte da pesquisa é constituído pelos veículos Correio Nagô (BA), Revista Afirmativa (BA), Ceará Criolo (CE) e Site Negrê (CE), selecionados a partir do Mapa do Jornalismo Independente, do Mapeamento da Mídia Negra no Brasil e buscas em perfis de redes sociais.

A pesquisa tem por objetivo identificar o perfil dos portais, para verificar possíveis semelhanças e distanciamentos, na medida em que todos são especializados na temática racial. Tal mapeamento se justifica pela importância de analisar a mídia negra no Nordeste, já que a maior parte das produções de trabalhos é voltada para o Sul-Sudeste.

Jornalismo alternativo ou jornalismo independente?

Uma das dificuldades encontradas para a definição do corpus deste artigo se refere às diversas conceituações do que se entende por jornalismo alternativo, tendo em vista que o tradicional é consensualmente tomado como aquele que possui interesses comerciais e visa manter o *status quo* (CARVALHO; BRONOSKY, 2017; PACHI FILHO; SOUZA; MOLIANI, 2019). Com o objetivo de traçar aproximações conceituais que consigam clarificar o termo jornalismo alternativo, relaciona-se, a seguir, as principais discussões presentes na literatura recente.

Para Carvalho e Bronosky (2017) e Pachi Filho, Souza e Molianni (2019), o jornalismo alternativo pode ser definido pela abordagem que se contrapõe à mídia tradicional, que tem por objetivo visibilizar assuntos e grupos sociais que não são noticiados nos veículos hegemônicos, ou que trata os fatos de uma forma diferente do discurso da grande mídia. Nesse sentido, Peruzzo (2009) complementa que o jornalismo alternativo representa outra opção enquanto fonte de informação, com conteúdo e/ou abordagem diferenciadas do jornalismo tradicional.

Embora a principal característica do jornalismo alternativo seja a contraposição à grande mídia, isso não significa necessariamente que os veículos alternativos sejam contra-hegemônicos (CARVALHO; BRONOSKY, 2017; PACHI FILHO; SOUZA; MOLIANI, 2019). Carvalho e Bronosky (2017) apontam que, por vezes, o alternativo acaba reproduzindo os modos de produção de conteúdo do convencional, ainda que as propostas de pautas sejam diferenciadas.

Pachi Filho, Souza e Moliani (2019) apontam abordagens que permitem distinguir conjuntos principais pelos quais as formas de jornalismo alternativo podem se caracterizar. O jornalismo alternativo progressista se opõe aos discursos dos veículos tradicionais, mas serve aos interesses daqueles que o financiam. O chamado “foco no aprofundamento” é o jornalismo alternativo segmentado, que busca aprofundar as discussões a determinados grupos sociais. Já o contra hegemônico apresenta um modelo diferenciado do que se tem no jornalismo convencional, que se posiciona contra o *status quo* no discurso utilizado.

As classificações desses grupos nos levam à reflexão de Carvalho e Bronosky (2017), de que o jornalismo alternativo não deve ser entendido como sinônimo de jornalismo revolucionário. Nesse sentido, os principais demarcadores do alternativo são o modelo econômico não baseado no lucro, as narrativas que priorizam temas e/ou abordagens diferentes da que se vê na grande mídia, a visibilidade de outras fontes na consulta das informações.

Carvalho e Bronosky (2017) entendem que todo jornalismo alternativo é independente, na medida que não tem relações de dependência com grupos empresariais. Sobre isso, Grohmann, Roxo e Marques (2019) analisam iniciativas de jornalismo independente a partir do que consideram como arranjos econômicos alternativos à mídia hegemônica, sendo que a independência (editorial/financeira) é uma das características encontradas como marcador de distanciamento ao jornalismo *mainstream*.

Nesse sentido, o conceito de jornalismo alternativo adotado neste trabalho se refere à proposta de contraposição à mídia hegemônica, com modelo econômico independente de grupos empresariais, tendo por finalidade oportunizar visibilidade à temas e grupos sociais silenciados na grande mídia.

Uma breve história da Imprensa Negra

Em um país em que a maior parte da população é negra, ainda é necessário que lutas sejam travadas para que esse público consiga atuar na mídia e seja devidamente representado nos veículos brasileiros, sobretudo na imprensa tradicional. Por outro lado, engana-se quem pensa que negros e negras só passaram a adquirir a visibilidade midiática há pouco tempo.

Desde o século XIX a imprensa negra especializada é atuante no Brasil. Como primórdios da mídia com temática racial, destaca-se o periódico O Homem de Cor, cuja primeira edição circulou em 14 de setembro de 1833 (PINTO, 2006; NETO, 2015; CARVALHO, 2009). Santos (2005) também aponta o carioca O Homem de Cor, e acrescenta

O Mulato, O Brasileiro Pardo, O Cabrito e O Meia Cara, publicados entre 1833 e 1867, que se enquadram entre os primeiros jornais especializados nesse segmento a circular no país.

É interessante observar que, no período pós-abolição, tais periódicos buscavam tanto a valorização da raça para os negros, quanto a mobilidade social.

Os jornais do pós-abolição que reconhecemos como imprensa negra, tinham um escopo, interesse temático e circulação muito mais amplo, discutiam a questão do mulato enquanto um problema que atingia todos, entendiam que o estigma da cor preta ou parda era reflexo da ignorância da sociedade em que viviam. A sociedade branca repudiava todos eles enquanto indivíduos sem instrução, não enquanto homens de cor ou pardos. [...] O objetivo era terem acesso aos principais códigos de comunicação e comportamento da elite, forma que encontraram para uma maior aceitação e vida em sociedade. O que passou a caracterizar a instrução como o principal meio de disputa no mercado de trabalho, possibilidade de integração racial, ascensão social e conquista de direitos para aquela população. (SANTOS, 2005, p. 5).

Já no século XX, destacam-se os jornais paulistanos O Clarim d'Alvorada e A Voz da Raça. Para Carvalho (2009, p. 133), esses periódicos “são considerados até hoje como os maiores símbolos da resistência, lutas, reivindicações e denúncias em prol da comunidade negra”.

O Clarim d'Alvorada nasceu em 6 de janeiro de 1924, com o nome O Clarim, recebendo o novo título em 13 de maio do mesmo ano. Carvalho (2009) chama atenção para a atuação de uma mulher colaboradora, Maria de Lourdes Souza, já que entre os jornais negros era rara a autoria feminina. Sobre os principais temas abordados, o autor destaca a conscientização do negro em relação à sua importância na sociedade, a elevação moral, educação, trabalho, saúde, habitação e denúncias contra preconceito e discriminação (CARVALHO, 2009).

A Voz da Raça, por sua vez, foi criado 18 de março de 1933, como veículo midiático oficial da Frente Negra Brasileira, fundada em 1931. Nesse sentido, A Voz da Raça nasceu com o objetivo recreativo, para a elevação moral e intelectual do negro, conforme outros jornais da época (CARVALHO, 2009). Conforme o lema “Deus, Pátria, Raça e Família”, o periódico valorizava a educação escolar e a religião como fatores importantes para os negros.

Em A Voz da Raça, havia pouco espaço para as mulheres, que eram sempre destacadas como mães, esposas, que precisavam vestir-se bem pra se adequarem aos padrões da branquitude (DOMINGUES, 2007). Algumas mulheres escreviam em certos momentos, como Noemia de Campos e Maria de Lourdes Rosário. Domingues (2007) indica que o jornal passou a publicar uma coluna fixa chamada Seção Doméstica, em 1934, com receitas culinárias e, de maneira secundária, orientações acerca dos serviços domésticos.

Assim, é importante pontuar que, apesar do caráter reivindicatório, a Imprensa Negra não é homogênea, sendo que os periódicos possuíam linhas editoriais com enfoques que se diferenciavam em certos objetivos. Consideramos aqui os principais jornais, mas a história da Imprensa Negra é vasta e não se resume à determinados veículos cariocas e paulistanos. Ao olhar para a mídia negra especializada, isso não significa que homens negros e mulheres negras não atuaram em outros veículos.

Metodologia

O trabalho é construído a partir do mapeamento das iniciativas de jornalismo alternativo e especializados na temática racial no Nordeste. Para tanto, inicialmente realizamos a pesquisa bibliográfica, para a elaboração do aporte teórico, e pesquisa empírica cujo objeto são portais digitais.

Para o mapeamento, utilizamos como base o Mapa do Jornalismo Independente³, projeto desenvolvido pela Agência Pública de Jornalismo, em 2016. De acordo com a Pública, a metodologia do mapeamento segue os critérios: 1) organizações que produzem primordialmente conteúdo jornalístico; 2) organizações que nasceram na rede; 3) projetos coletivos, que não se resumem a blogs; 4) sites não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas.

Utilizamos também o Mapeamento da Mídia Negra no Brasil⁴, realizado pela coalizão de organizações antirracistas Fórum Permanente pela Igualdade Racial (Fopir), em 2019. O projeto se constitui num levantamento aberto ao público, no qual 65 iniciativas que se identificam como mídia negra responderam à pesquisa de forma online.

Por considerarmos insuficiente apenas a busca pelo Mapa do Jornalismo Independente, optamos por realizar uma procura pelas redes sociais, a partir das sugestões indicadas pelos algoritmos em perfis do Twitter e Instagram de veículos alternativos do Nordeste. Como critério, os veículos precisavam se apresentar como alternativos e/ou independentes e especializados na temática racial, negra e/ou antirracista⁵.

Assim, selecionamos para o recorte apenas jornais e revistas digitais do Nordeste (que também poderiam circular na versão física ou em outras plataformas), excluindo blogs e

³ <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>

⁴ Disponível em: http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2020/08/ebook_mapeamento_da_midia_negra-1.pdf

⁵ Destacamos que essa delimitação inclui somente os veículos que possuem como proposta a temática racial como linha editorial, mas outras iniciativas também trazem essas pautas em parte do conteúdo.

podcast⁶. Chegamos ao resultado de quatro veículos, sendo: Correio Nagô (BA), Revista Afirmativa (BA), Ceará Criolo (CE) e Site Negrê (CE). Para a análise, olhamos para a descrição (indicada na seção Quem somos/Sobre nós/etc.), a distribuição das editorias e redes sociais.

Análise dos veículos: construindo perfis

Correio Nagô: o mais antigo portal étnico de notícias da Bahia

A plataforma do site Correio Nagô (<https://correionago.com.br/>) foi criada em 2008, em Salvador (BA), ligado ao Instituto Mídia Étnica (IME), mas o projeto nasceu como um blog, em 2006. A matéria em comemoração aos dez anos do site, de 2018⁷, destaca que o portal é fruto da inquietação de jovens comunicadores, que se sentiam incomodados com a ausência de negras e negros na mídia hegemônica.

Dentre as iniciativas mapeadas neste trabalho, o Correio Nagô é considerado o veículo nordestino mais antigo que tem a transversalidade racial enquanto enfoque na linha editorial. Na seção “Sobre” (<https://correionago.com.br/sobre-o-correio-nago/>), temos a indicação:

Uma das formas de resistência encontradas pelos primeiros negros escravizados trazidos à força para o Brasil foi a transmissão de conhecimento e informação através da história oral. Assim nasceria o “Correio Nagô”, adaptado à realidade enfrentada por cada um dos negros saudosos de sua terra, mas conscientes dos valores que naturalmente exigiam preservação. Na modernidade, a falta de informação e a dificuldade de comunicação ainda são grande barreiras para a articulação e visibilidade da comunidade afro-brasileira. Nesse sentido, em 2008 surgia o Portal Correio Nagô que é uma plataforma digital criada pelo Instituto Mídia Étnica que tem como objetivo divulgar as ações comunidade negra do Brasil e da diáspora. Hoje o Correio Nagô é uma das maiores plataformas de conteúdo sobre a comunidade negra brasileira do Brasil, possuindo correspondentes em diversos estados do Brasil e do mundo.

As editorias do portal são centradas em: direitos humanos, política, cultura, economia, diversidades, internacional, tecnologia, sustentabilidade. Chama atenção uma linguagem própria utilizada pelo portal voltada para o afro-referenciamento, como o título da matéria “Amor afrocentrado inspira websérie e seção de podcasts ‘Chamego’”.

Revista Afirmativa: somos nós, falando de nós, para todo mundo

O coletivo de mídia negra Revista Afirmativa (<https://revistaafirmativa.com.br/>) foi desenvolvida por estudantes do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da

⁶ Não consideramos o Portal SoteroPreta porque possui a produção quase exclusiva de uma única pessoa, o que não reflete o princípio de pluralidade da equipe.

⁷ <https://correionago.com.br/portal-correio-nago-comemora-uma-decada-fazendo-informacao-do-seu-jeito/>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (CARDOSO FILHO *et al.*, 2015). Apesar de ter sido criada em 2013, o lançamento oficial da revista aconteceu em 19 de março de 2014, durante o I Encontro de Estudantes Negras/os da UFRB. Na sessão “Quem somos (<https://revistaafirmativa.com.br/quem-somos/>)”, o coletivo se apresenta assim:

A Revista Afirmativa é um veículo multimídia de mídia negra. Rompemos com o discurso de pretensa imparcialidade pregado pela grande mídia, tradicionalmente racista, machista e heteronormativa, e já no slogan declaramos nosso lugar de fala: Somos nós, falando de nós, para todo mundo. Todo veículo de comunicação possui orientações políticas, negar este fato faz parte das estratégias dos veículos conservadores pela manutenção do poderes que representam. Bem vindus* à Revista Afirmativa! Aqui você encontra jornalismo de qualidade, popular, diverso e humanizado, que renega o apelo sensacionalista e estereotipado de representação das pessoas negras. Experimentamos linguagens e enquadramentos novos. Apuração e aprofundamento da notícia é premissa do nosso trabalho. A Afirmativa é feita pela Juventude Negra Voz Ativa, construindo mais um horizonte afirmativo para o jornalismo da diversidade e do direito à informação. A Revista Afirmativa é a principal estratégia de ação do coletivo de mídia negra Revista Afirmativa. *É política da Revista Afirmativa a adoção de artigos que problematizem a desigualdade de gênero.

É interessante notar o posicionamento político da Revista Afirmativa, que se coloca como um veículo orientado pela desconstrução dos padrões da mídia tradicional (machista, racista e heteronormativa) e para a visibilidade negra. Também chama atenção a adoção de linguagem inclusiva de gênero, tais como o uso do “x” para designar o pronome neutro.

Nas editorias, a Revista Afirmativa publica notícias e textos de colunistas, na seção “Narrativas Negras”. Os temas mais abordados dizem respeito à saúde, política, educação, segurança e cultura. A revista possui três edições físicas, disponíveis pra download no portal.

Ceará Criolo: primeiro portal cearense negro e antirracista

O Portal Ceará Criolo (<https://cearacriolo.com.br/>) foi criado em 2018, em Fortaleza (CE), sendo considerado o primeiro portal de notícias cearense sobre negritude. A partir do curso “Comunicação e Igualdade Racial Abdias Nascimento”, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado do Ceará (Sindjorce), três publicitárias e dois jornalistas decidiram fundar o portal, para visibilizar a temática racial⁸. Segundo consta na seção “Sobre nós” (<https://cearacriolo.com.br/quem-somos/>), o objetivo do coletivo é:

O “Ceará Criolo” é um coletivo de comunicação que visa à ir na contramão do discurso excludente e enervado de clichês das empresas de comunicação sobre a população negra. Porque essa população negra precisa de um espaço qualificado de afirmação. De

⁸ Disponível em: <https://vermelho.org.br/2018/11/05/ceara-criolo-coletivo-cria-portal-inedito-em-defesa-dos-negros/>

visibilidade. De debate honesto e inclusivo. De identificação. Um lugar de desconstrução de discursos pré-fabricados e cheios de preconceitos. Nós entendemos que só com a garantia da existência e do pleno funcionamento de plataformas múltiplas de promoção da igualdade racial na prática jornalística e publicitária é que vamos ter uma comunicação socialmente inclusiva, afetivamente sustentável e moralmente viável. A população negra precisa da mesma visibilidade da qual a população branca é favorecida. Apenas assim essa população negra vai se enxergar como instituição formada por seres humanos possíveis. E isso obrigatoriamente perpassa não só a efetivação de políticas públicas inclusivas como também a existência de locais, físicos e/ou virtuais, de autoafirmação.

Uma das especificidades do Ceará Criolo é a cultura, na qual são trabalhadas os Afrossaberes, resgatando as ancestralidades afro no Dicionáriafrica, por exemplo. As editorias de notícias são voltadas para política, economia, saúde, infantil, esporte, cultura, famosos, educação, mulher negra.

Site Negrê: jornalismo ancestral, antirracista e descolonizador

A mais jovem iniciativa de jornalismo independente especializado na temática racial do Nordeste é o Site Negrê (<https://negre.com.br/>), criado em 2020. Apesar do lançamento recente, o Negrê foi idealizado pelas jornalistas negras e cearenses Larissa Carvalho e Sara Sousa em 2018, a partir do Trabalho de Conclusão do Curso Abdias Nascimento – Comunicação e Igualdade Racial, promovido pelo Sindjorce. A seção “Sobre o Negrê” (<https://negre.com.br/sobre/>) indica que:

O portal entrou no ar no momento em que a onda de debate racial foi intensificada ao redor do mundo em meio aos protestos nas ruas devido aos acontecimentos relacionados à população negra no contexto da pandemia do Covid-19. Além disso, movimentos nas redes sociais, como o Black Twitter Nordestino no Twitter, hashtag idealizada pela socióloga Stephany Sousa, proporcionou que pessoas negras da região Nordeste do Brasil se encontrassem na rede e compartilhassem ideias semelhantes. Desse quilombo digital, o Site Negrê, então, se consolida da necessidade de termos uma mídia negra nordestina, construída com união e potência de profissionais da Comunicação e de outras áreas, oriundos dos nove estados da região Nordeste brasileira. Como primeiro portal de notícias e mídia negra nordestina no Brasil, o Negrê tem como lema unir modos de ver, ser, sentir e escrever sobre questões raciais. Nosso portal de notícias e mídia preta nordestina amplifica vozes negras e seus múltiplos olhares, pois somos pretos nordestinos e bem diversos. O Negrê tem como princípio um jornalismo ancestral, antirracista e descolonizador. Nosso compromisso é de contribuir na luta contra a colonização, o racismo, a xenofobia e as demais opressões marcadas na sociedade brasileira, na imprensa e no mundo, enquanto agente catalisador de debates essenciais.

O Negrê possui editorias voltadas para a cultura e a valorização racial. Além disso, notamos uma preocupação com assuntos relacionados à pandemia da covid-19. Outra

característica do portal é a elaboração de conteúdo no formato de texto, mas também são produzidos episódios em podcast.

A seguir, elencamos algumas informações referentes aos veículos, com estado sede, ano de fundação e redes sociais:

Quadro 1 – Informações sobre os portais mapeados

Veículo	Estado	Fundação	Redes sociais
Correio Nagô	BA	2008	Youtube @tvcorreionago Facebook @portalcorreionago Twitter @correionago Instagram @correionago
Revista Afirmativa	BA	2014	YouTube @RevistaAfirmativa Facebook @revistaafirmativa Twitter @RAfirmativa Instagram @revistaafirmativa
Ceará Criolo	CE	2018	Facebook @cearacriolo Twitter @cearacriolo Instagram @cearacriolo
Site Negrê	CE	2020	Facebook @sitenege Twitter @sitenege Instagram @sitenege

Fonte: autora (2021).

Como resultados, refletimos inicialmente que os nomes dos portais são representativos da negritude, com termos populares da cultura negra e que reforçando a ancestralidade – Nagô, Criolo e Negrê. Outras semelhanças percebidas dizem respeito às motivações para a fundação dos veículos, como foi comum o descontentamento com a invisibilidade da população negra mídia hegemônica, e o desejo de oferecer conteúdo que oportunize um olhar antirracista para homens negros e mulheres negras.

É interessante observar o protagonismo feminina na Imprensa Negra, conforme vimos que mulheres negras são fundadoras e/ou co-fundadoras em todos os portais mapeados. Além disso, ressaltamos que apenas a Bahia e o Ceará apareceram nesse levantamento, o que indica que ainda há um longo caminho a ser trilhado pelos demais estados.

Considerações finais

O trabalho realizou um mapeamento de veículos de jornalismo alternativos e independentes do Nordeste, que tenham como foco a temática racial. Conforme indicado no aporte teórico, a Imprensa Negra é diversificada e não é recente, na qual os primeiros periódicos surgem ainda o século XIX.

A partir da aplicação dos critérios metodológicos, identificamos quatro iniciativas de jornalismo negro e antirracista no Nordeste, sendo o Correio Nagô (BA), Revista Afirmativa (BA), Ceará Criolo (CE) e Site Negrê (CE). Assim, observamos que, apesar de entrecruzamentos, como o desejo de oferecer conteúdo que visibilize a população negra, cada veículo trabalha seguindo seus próprios objetivos.

Chama atenção que somente os estados da Bahia e Ceará apareceram no mapeamento, o que reforça a necessidade da região valorizar o jornalismo negro. Por outro lado, comemoramos o protagonismo feminina, conforme verificado que mulheres negras são fundadoras e/ou co-fundadoras em todos os portais analisados. Como desdobramento, pretendemos pesquisar cada veículo de modo aprofundado e ressaltamos as potencialidades de estudos nas redes sociais ligadas aos portais, por exemplo.

Referências

CARDOSO FILHO, J. *et al.* A Revista Afirmativa: uma experiência nos campos do jornalismo, cidadania e ações afirmativas. In: I Seminário Comunicação e Processos Históricos – RECOM, **Anais Eletrônicos [...]**, Cachoeira, 2015.

CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 21 -39, 2017.

CARVALHO, G. L. **A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937**: características, mudanças e permanências. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GROHMANN, R.; ROXO, M.; MARQUES, A. F. Lugares de enunciação e disputas de sentido em relação ao trabalho jornalístico em arranjos alternativos às corporações de mídia. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 206-229, 2019.

NETO, S. **Tinta preta e pele escura**: a necessidade de uma Imprensa Negra. In: Geledés – Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tinta-preta-e-pele-escura-a-necessidade-de-uma-imprensa-negra/>

PACHI FILHO, F. F.; SOUZA, R. B. Rodrigues de; MOLIANI, J. A. Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativos e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 5-28, 2019.

PINTO, A. F. M. **De pele escura e tinta preta**: a Imprensa Negra do século XIX (1833-1899). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SANTOS, J. A. Imprensa negra: a voz e a vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros. *In*: **XXIII Simpósio Nacional da ANPUH**, 2005.